



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E GERENCIAIS  
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO



**O QUE A TELINHA NÃO MOSTRA: A INDÚSTRIA CULTURAL E O TREM DA  
VALE**

**ROSANY CECÍLIA DE SENA**

**MARIANA, MG**

**2017**

**ROSANY CECÍLIA DE SENA**

**O QUE A TELINHA NÃO MOSTRA: A INDÚSTRIA CULTURAL E O TREM DA  
VALE**

Monografia apresentada ao curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão.

**MARIANA, MG**

**2017**

S474q Sena, Rosany Cecília de  
O que a Telinha Não Mostra : [recurso eletrônico]  
: a Indústria Cultural e o Trem da Vale / Rosany Cecília  
de Sena.-Mariana, MG, 2017.  
1 CD-ROM; 4 3/4 pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade  
Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Econômicas  
e Gerenciais DECEG/ICSA/UFOP

1. Fundação Vale do Rio Doce - \$v Teses.. 2. Educação  
- Teses. 3. MEM. 4. Indústria cultural - Teses. 5.  
Monografia. 6. Patrimônio cultural - Teses - Educação.  
7. Projetos culturais - Teses - Mariana (MG). 8. Projetos  
culturais - Teses - Ouro Preto (MG). I.Maranhão, Carolina  
Machado Saraiva de Albuquerque. II.Universidade Federal  
de Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas  
- Departamento de Ciências Econômicas e Gerenciais.  
III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 316.7  
: 15  
: 1417377



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal de Ouro Preto  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - ICSA  
COLEGIADO CURSO ADMINISTRAÇÃO



---

---

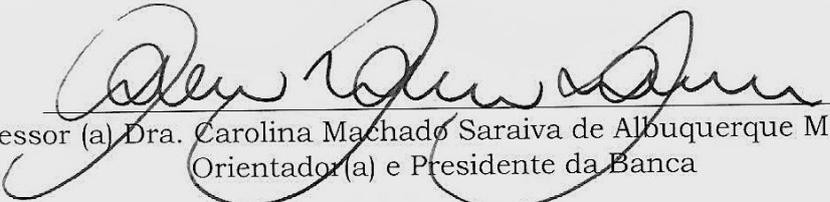
## FICHA DE APROVAÇÃO

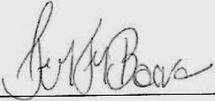
**ROSANY CECILIA DE SENA**

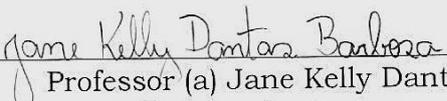
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, como requisito à obtenção do Título de Bacharel.

Orientador(a): Dra. Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão

### COMISSÃO EXAMINADORA

  
Professor (a) Dra. Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão  
Orientador(a) e Presidente da Banca

  
Professor (a) Dra. Fernanda Maria Felicio Macedo Boava  
Membro Avaliador

  
Professor (a) Jane Kelly Dantas  
Membro Avaliador

Mariana, 15 de março de 2017.

*Aos meus pais, Carminha e José e à minha  
irmã Rosana, pelo apoio imensurável!*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pelo dom da vida! Pelas tristezas que ajudam a crescer, pelas alegrias que enfeitam a vida, pelos problemas que são parte integrante do caminho; por me permitir viver tudo isso! Aos meus pais, Carminha e José, que sempre me apoiaram, e à minha irmã Rosana que também sempre esteve ao meu lado.

Considero-me uma pessoa de sorte, pois sempre tive a oportunidade de estudar em escolas com excelentes profissionais, que direta ou indiretamente, me inspiraram e contribuíram para a minha formação acadêmica e pessoal. Deixo aqui um agradecimento especial a todos os professores, funcionários e colegas da Escola Municipal de Passagem de Mariana, na qual cursei a pré-escola; da Escola Estadual Dr. Gomes Freire, onde cursei da primeira à quarta série do Ensino Fundamental; da Escola Estadual Professor Soares Ferreira, na qual cursei da quinta à oitava série do Fundamental; do Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Preto, no qual cursei o Ensino Médio integrado ao curso técnico em Metalurgia.

Agradeço imensamente à Universidade Federal de Ouro Preto pelo suporte durante minha graduação. Aos professores do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - ICISA, em especial aos professores do curso de Administração. Todos contribuíram de alguma forma para a conclusão desta etapa da minha vida! Em especial, agradeço à professora Flávia Silva Correa Tomaz, pela introdução ao mundo da pesquisa ao me oferecer a oportunidade de participar de um projeto Pró-Ativa e, depois, do programa de Monitoria.

À turma 2011.1, em especial às minhas colegas Patrícia, Jackslaine, Elisa, e Eustamiris. E em especial à Ingrid, pela amizade de sempre e pela valiosa contribuição para o desenvolvimento deste trabalho.

Existem pessoas que deixam marcas profundas em nossas vidas! Minha professora da primeira série do Ensino Fundamental foi uma delas. Vicentina Tadeu Malta Pereira, carinhosamente chamada por nós de Tia Tina, me apresentou um mundo novo quando lançou àquela turma de crianças de sete e oito anos, o desafio de escrever um livro de poesias que contasse a História de Mariana. Esse foi um método alternativo que ela encontrou para ajudar em nosso início de alfabetização - e deu certo!

Em dezembro de 1999, estávamos eufóricos no lançamento do livro "Se essa rua fosse minha". E, dezoito anos mais tarde, estou eu falando novamente de Mariana, com outra abordagem, porém, relendo meu poema daquela época, percebi que muitas de minhas inquietações de criança continuam vivas até hoje! Muito obrigada Tia Tina!

Quando optei por fazer o curso de Administração na Universidade Federal de Ouro Preto, não tinha plena certeza se realmente estava fazendo a escolha certa. Hoje, sei que este período na Universidade foi muito rico e importante para a minha vida, foram muitas as experiências vividas e compartilhadas que, sem dúvida, contribuíram bastante para o meu crescimento acadêmico e profissional.

E na UFOP, novamente encontrei uma professora que me despertou novos anseios! Quando participei da primeira aula da Carol, me lembrei de Tia Tina! Agradeço à Professora Dr<sup>a</sup> Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão, minha orientadora neste trabalho, pelos ensinamentos valorosos, pelo companheirismo, pelas broncas, pela paciência... Obrigada por tudo!

*"Dir-se-á de alguém que teve poder econômico e empobreceu, que teve poder político e o perdeu. Mas nunca se dirá de alguém que foi culto e deixou de ser, porque a cultura é um bem que não se perde, pelo contrário, é um bem cujos limites são ilimitados!"*

Autor Desconhecido

***Porque...***

*"Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende."*

Leonardo da Vinci

# O QUE A TELINHA NÃO MOSTRA: A INDÚSTRIA CULTURAL E O TREM DA VALE

## RESUMO

É inestimável o valor para o Patrimônio Cultural brasileiro - e mundial - que as cidades de Mariana e Ouro Preto, no Estado de Minas Gerais, carregam em sua arquitetura e tradições imateriais. Neste contexto, a mineradora Vale S.A., ativamente atuante na região, tanto na perspectiva econômica quanto na ambiental, idealizou o Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale que, durante oito anos, foi um dos principais projetos culturais da região. Deste modo, considerando que a Educação Patrimonial é de extrema importância para a formação da identidade cultural e social do indivíduo autônomo, busca-se analisar, sob a perspectiva crítica, as inter-relações entre o Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale com o conceito que carrega a Indústria Cultural, conforme cunhado pelos teóricos críticos Theodor Adorno e Max Horkheimer no livro *“Dialética do Esclarecimento”* (1985). Para tanto, utiliza-se da análise fílmica do “Documentário Projeto Trem da Vale”, para se investigar a presença de traços da Indústria Cultural no referido programa, utilizando-se como categoria de sentido a tese de Francisco Rüdiger (2004) sobre os esquematismos interpretativos comumente presentes nas práticas da Indústria Cultural. Ao se buscar compreender e interpretar os significados aparentes presentes, considerando de forma crítica as mensagens subliminares do documentário, percebeu-se que a análise permitiu, além da associação imediata aos esquematismos, realizar outros apontamentos que despertam e/ou fazem alusão às indicações políticas, econômicas, ambientais e religiosas disseminadas nesta apresentação institucional do programa e que contribuem potencialmente para o fortalecimento do legado da Indústria Cultural.

**Palavras-chaves:** Indústria Cultural, Educação Patrimonial, Esquematismo, Teoria Crítica, Trem da Vale.

# WHAT TV DOESN'T BROADCAST: THE CULTURAL INDUSTRY AND VALE'S TRAIN

## ABSTRACT

It is invaluable for the value of the Brazilian Cultural Heritage -and world- that the cities of Mariana and Ouro Preto, in Minas Gerais State, carry on your architecture and intangible traditions. In this context, the mining Vale S.A., active in the region, actively both in economic and environmental perspective, idealized the Vale's train heritage educational program that, for eight years, was one of the key cultural projects in the region. Thus, whereas the heritage education is of extreme importance to the formation of the cultural and social identity of the individual, it is sought to analyze, from a critical perspective, the interrelationships between the Vale's train heritage educational program with the concept that carries the Cultural Industry, as coined by critical theorists Theodor Adorno and Max Horkheimer in "Dialectic of Enlightenment" (1985). To do so, uses film analysis of the "Documentary Project Vale's train", to investigate the presence of traces of the Cultural Industry in that programme, using as categories of meaning the thesis of Francisco Rüdiger (2004) on the interpretatives esquematismos commonly present in the practices of the Cultural Industry. To seek to understand and interpret the apparent present meanings, whereas critically subliminal messages of the documentary, it was noticed that the analysis allowed, besides the immediate association of schematisms, perform other notes that arouse and/or allude to the political, economic, environmental and religious disseminated in this institutional presentation of the program and potentially contributing to the strengthening of the legacy of the Cultural Industry.

**Keywords:** Cultural Industry, Heritage Education, Schematism, Critical Theory, The Vale's Train.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
1.1 Problema de Pesquisa .....	12
1.2 Objetivo .....	12
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>13</b>
2.1 O Trem da Vale.....	13
2.2 Educação Patrimonial .....	14
2.3 O Esquematismo da Indústria Cultural.....	16
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>22</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As cidades de Mariana e Ouro Preto, situadas na região dos Inconfidentes, no Estado de Minas Gerais, guardam valor Histórico inestimável para o Patrimônio Cultural brasileiro (e mundial) tanto em seu conjunto arquitetônico, quanto em seu rico legado de tradições imateriais. Mariana é conhecida como a Primaz de Minas, por ter sido a primeira vila, a primeira cidade e a primeira capital do Estado. Ouro Preto é reconhecida como patrimônio cultural da humanidade. Juntas contam importante História - viva - de Minas Gerais e do Brasil.

Este cenário cultural, fortemente ligado aos laços do passado e que explica as posições culturais das cidades hoje, se torna propício para o desenvolvimento de projetos de Educação Patrimonial. Neste contexto, a mineradora Vale S.A., ativamente atuante na região, tanto na perspectiva econômica (uma das principais fontes de renda para a economia local), quanto na ambiental (intensa atividade de extração de minério de ferro), idealizou o Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale.

Este programa, desenvolvido entre os anos de 2006 e 2015, foi classificado pela empresa como um dos principais projetos culturais da região de Mariana, Ouro Preto e distritos. Voltado, principalmente, para crianças e adolescentes da região, o programa contou com diversas atividades para a inclusão da comunidade, além de restaurar um trecho de 18 quilômetros da linha férrea que interliga Mariana e Ouro Preto.

Tendo em vista que a Educação Patrimonial é de extrema importância para a formação da identidade cultural do indivíduo, isto é, de sua capacidade de pensar e viver o bem patrimonial criticamente, assumindo também sua responsabilidade de reconhecimento, preservação e construção histórica, abre-se espaço para um processo dialético importante para a formação desta identidade cultural. A dialética, entendida como um processo de reflexão no qual o indivíduo utiliza sua capacidade de questionar, refutar a realidade em que vive, permite ao indivíduo entender melhor a sociedade na qual está inserido, propiciando alternativas para que ele possa desvelar o que está sendo fornecido de maneira imediatista pela sociedade.

Assim, este artigo busca analisar, sob a perspectiva crítica, as inter-relações entre o Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale com o conceito que carrega a Indústria Cultural, conforme cunhado pelos teóricos críticos Theodor Adorno e Horkheimer no livro *“Dialética do Esclarecimento”* (1985). Este conceito opõe-se ao de cultura de massa, a fim de abordar “o homem na sociedade concreta, as determinações de ordem econômica (relações de produção) e o homem na cultura da sociedade capitalista” (VILELA, 2006, p. 22).

Para tal, utiliza-se da análise fílmica do “Documentário Projeto Trem da Vale”, produzido na etapa de implementação do projeto, à luz da concepção crítica da Indústria Cultural. Será utilizada como categoria de sentido para a análise empírica, a tese de Francisco Rüdiger (2004), que versa sobre os esquematismos comumente presentes nas práticas da Indústria Cultural, a saber: padronização; pseudo-individação; glamourização; hibridização; esportização; aproximação; personalização e estereotipagem.

A motivação e a importância deste estudo surgiram ao se levantar questionamentos e reflexões que estão pautadas nas seguintes questões: O que as crianças e adolescentes que participaram do projeto de "Educação Patrimonial" Trem da Vale vão aprender? Qual o legado que lhes será transmitido? A História contada é a do trem, que era o meio de locomoção de anos atrás? Seria realmente uma forma de manter viva a História das cidades, ou seria a oportunidade de fazer Valer (com "V" maiúsculo!) o nome e a história da empresa nas cidades? Enfim, o que se educa no Trem da Vale?

### **1.1 Problema de Pesquisa**

Neste cenário, propõe-se o seguinte questionamento: Existem traços da Indústria Cultural no Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale que afetam a sua constituição, em termos de sua dialética?

### **1.2 Objetivo**

A fim de compreender a nova forma de configuração da cultura enquanto produto industrial e refletir sobre seus impactos na sociedade, o objetivo desta pesquisa é analisar, sob a luz da perspectiva da Teoria Crítica, como se constitui, em termos de sua dialética, o Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale, investigando a existência de traços da Indústria Cultural no referido programa. Para tanto, utiliza-se como orientação para a análise empírica a tese de Francisco Rüdiger (2004), que versa sobre os esquematismos comumente presentes nas práticas da Indústria Cultural.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O Trem da Vale

O Trem da Vale, inaugurado em maio de 2006 por meio da Lei Rouanet nº 8.313/91, Lei Federal de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura, foi um projeto financiado e realizado pela Fundação Vale - instituição do grupo da mineradora Vale S.A.- juntamente ao Santa Rosa Bureau Cultural, parceiro executor do programa, entre outros parceiros institucionais como a Universidade Federal de Ouro Preto e a Ferrovia Centro-Atlântica. Em 2008, o projeto passou a ser denominado Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale devido à estrutura e abrangência das ações na região (FUNDAÇÃO VALE, 2010).

Este projeto foi responsável pela recuperação de 18 quilômetros de linha férrea e de quatro estações existentes entre as cidades de Mariana e Ouro Preto, no Estado de Minas Gerais, sendo apresentado pelos seus idealizadores como o maior projeto de educação patrimonial do Brasil e como forte atrativo turístico para a região.

O Programa de Educação Patrimonial era voltado para a “consolidação da identidade histórica e cultural daquela região e para a valorização das representatividades e das relações de afeto com o seu rico e singular patrimônio, tanto em seu aspecto edificado quanto em suas facetas imaterial e natural” (FUNDAÇÃO VALE, 2010), sendo inicialmente composto por três subprogramas, a saber:

- ✓ **Vale Conhecer e Vale Preservar:** ambos voltados para o ensino formal nas escolas de ensino fundamental da região junto aos professores destas instituições, a fim de proporcionar a pesquisa da cultura local, identificando e estudando bens materiais e imateriais da região, além de estimular a preservação. Em 2007 estes subprogramas se fundiram tornando-se apenas Vale Conhecer;
- ✓ **Vale Registrar:** refere-se a atividades para o resgate da memória social através da elaboração de vídeos com depoimentos de moradores da região ligados a ferrovia e a mineração;
- ✓ **Vale Promover:** está relacionado à promoção do Trem da Vale entre os visitantes, como exemplo cita-se o circuito comunidade realizado às quintas-feiras (FUNDAÇÃO VALE, 2010; TREM DA VALE, 2016).

Durante a execução do programa entre maio de 2006 a maio de 2015 foram atendidas mais de um milhão de pessoas através de oficinas, cursos, eventos e circuitos no trem. O trem funcionava para fins turísticos de sexta a domingo paralelamente às atividades e oficinas de

educação patrimonial, sendo que às quintas-feiras as viagens eram guiadas, gratuitas e exclusivas para escolas públicas e moradores da região de Mariana e Ouro Preto (TREM DA VALE, 2016).

## 2.2 Educação Patrimonial

Segundo Florêncio *et al.* (2014) em 13 de janeiro de 1937, pela Lei nº378, foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) com o intuito de preservar o patrimônio histórico e artístico do Brasil. Após diversas mudanças e adaptações de melhoria, o referido órgão federal passou a intitular-se, em 1994, como Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tal qual conhecemos atualmente.

O IPHAN tem por finalidade zelar pela conservação e proteção do patrimônio sob sua responsabilidade. Para o desempenho de tal tarefa, o Instituto promove diversos projetos de ações educacionais como forma de conscientização da população quanto à importância de se preservar o patrimônio histórico, artístico e cultural, além de fiscalizar as atuais políticas públicas que regem as questões da preservação deste vasto patrimônio (FLORENCIO *et al.*, 2014).

De acordo com Maltêz *et al.* (2010) a origem da expressão Educação Patrimonial é inglesa - *Heritage Education*. No Brasil, a perspectiva de Educação Patrimonial surgiu a partir do evento ocorrido no Museu Imperial em Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, em 1983 no "I Seminário de Uso Educacional de Museus e Monumentos" (GRUNBERG, 2000, p.168).

Segundo Florêncio *et al.* (2014) pode-se entender Educação Patrimonial da seguinte forma:

(...) Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural (FLORENCIO *et al.*, 2014, p.19).

Neste sentido, a Educação Patrimonial utiliza os bens culturais como base para o desenvolvimento de um estudo pedagógico, isto é, o Patrimônio Cultural se torna um

instrumento importante para o processo de ensino e desenvolvimento da conscientização patrimonial (GRUNBERG, 2000).

A metodologia da Educação Patrimonial tem um amplo campo de atuação e propõe não somente uma nova maneira de utilização dos bens culturais do passado e do presente, como também uma nova postura por parte do educador, no sentido de incorporar os bens culturais ao processo de aprendizado e como auxiliares no desempenho das funções de transmitir o conhecimento (GRUNBERG, 2000, p.178-179).

O processo de Educação Patrimonial exige a participação efetiva da comunidade em todas as atividades propostas para aproximar as pessoas da História por trás do Patrimônio Cultural, além da importância em se difundir a diversidade cultural desta comunidade e de fortalecer a identidade local. Os diferentes contextos nos quais as pessoas vivem, geram uma diversidade cultural que propõe aprendizados únicos e que se fazem necessários para uma boa Educação Patrimonial (FLORÊNCIO *et al.*, 2014).

César *et al.* (2011) afirmam que as sociedades procuram deixar legados para as gerações futuras e que o Patrimônio Cultural é uma construção social que busca preservar a essência da comunidade que o constituiu. A Educação Patrimonial contribui para a recuperação e valorização dessa cultura local quando promove a educação da população sobre sua própria identidade cultural, sendo importante para uma espécie de alfabetização cultural, levando o indivíduo a pensar e/ou repensar o meio em que vive, buscando entender o passado e o presente.

O Patrimônio Cultural é composto pelos bens culturais "através dos quais podemos compreender e identificar a cultura de um povo, em determinado lugar e momento histórico" (GRUNBERG, 2000, p.162). Grunberg (2000) ainda aponta que tais bens podem ser tangíveis (um documento, uma casa, etc.) ou intangíveis (uma procissão, o processo de fabricação de um vinho, etc.); consagrados (também chamados de bens patrimoniais - cidades históricas, museus, esculturas, etc.) ou não.

César *et al.* (2011) afirmam que o patrimônio cultural é o legado de uma sociedade, que ultrapassa o tempo e atesta para as gerações posteriores a sua própria origem. Este patrimônio está ligado ao legado memorial da comunidade, estabelecendo um vínculo efetivo com o passado, permitindo que o indivíduo pense criticamente sobre o presente e o futuro da comunidade.

Para Maltêz *et al.* (2010) atualmente o Patrimônio Cultural vai além de construções de reconhecido valor histórico, incluindo-se neste cenário manifestações culturais corriqueiras,

pratos típicos, danças e costumes em geral. Abre-se caminho também para a questão da preservação ambiental, na concepção “do meio ambiente como um bem cultural a ser preservado” (COSTA, 2011, p.46).

Nesse sentido, torna-se destaque uma nova visão sobre o Patrimônio Cultural brasileiro, que passa a ser compreendido a partir dessa diversidade de manifestações tangíveis e intangíveis, consagradas e não consagradas como fonte de conhecimento e aprendizado, podendo ser inserida nos currículos e nas disciplinas do sistema formal de ensino (MALTÊZ *et al.*, 2010, p.40).

A Educação Patrimonial contribui para a formação de uma identidade cultural - crítica - por parte do indivíduo, uma vez que, segundo Maltêz *et al.*, (2010) o processo de conhecimento do bem cultural e, conseqüentemente, da Educação Patrimonial, envolve a participação dos sentidos e o sentimento de reconhecimento diante do bem, sendo ele tangível ou não. César *et al.* (2011) corroboram esta visão afirmando que o patrimônio é apreciado pelo prazer que proporciona em razão de sua forma e qualidade, satisfazendo também necessidades materiais, de conhecimento e de desejo por parte do indivíduo.

Neste sentido, a Educação Patrimonial contribui para a formação de cidadãos críticos, conscientes da pluralidade cultural do meio em que vivem, buscando despertar a conscientização do indivíduo, enquanto sujeito, acerca de seus deveres de preservação, promoção, valorização e construção do Patrimônio Cultural em todas as suas vertentes (MALTÊZ *et al.*, 2010), além de permitir, segundo Ibarra *et al.* (2014) o fortalecimento da preservação dos bens oficialmente reconhecidos e dos que ainda não são reconhecidos oficialmente pelo governo.

### **2.3 O Esquematismo da Indústria Cultural**

Ao se falar em Indústria Cultural tem-se, primeiramente, a ideia de produção em massa de produtos e/ou serviços ligados à cultura, mas quando os frankfurtianos Adorno e Horkheimer discorreram sobre este tema em seu livro “*Dialética do Esclarecimento*” (1985) a proposta era refletir e denunciar uma nova maneira de dominação social que, através da reificação da cultura, busca usurpar do sujeito sua capacidade de reflexão dialética sobre o mundo e, principalmente, sobre os processos sociais, culturais e políticos nos quais está submetido. Apesar da mercantilização da cultura ser um fator econômico presente na

organização da Indústria Cultural, ainda assim o que prevalece é a questão ideológica que a norteia, de dominação da consciência (RODRIGUEZ, 2013; VILELA, 2006).

Ela é indústria, muito mais na percepção sociológica do que ela é, do que por sua semelhança com uma organização industrial. Ela é uma organização social que não fabrica um bem, onde não se produz com recursos tecnológicos, ela atua nas consciências, ela produz as condições para a propagação da ideologia (VILELA, 2006, p. 29).

A forma de dominação da Indústria Cultural não consiste apenas na produção e /ou disseminação dos bens culturais em si, mas sim na forma como este bem é mercantilizado e gerido, a ponto de se tornar uma ferramenta de dominação da subjetividade e da consciência, transformando o ramo cultural em sinônimo de diversão e entretenimento, ocupando assim, aquele que seria o único tempo livre do sujeito, minando sua autonomia “como a capacidade de pensamento e de ação esclarecida” (VILELA, 2006, p. 27), a fim de controlar e reduzir as pessoas em prol dos interesses das classes dominantes e da manutenção do *status quo* (RODRIGUEZ, 2013). Este foi um conceito cunhado em oposição ao de cultura de massa, aquela emanada do povo para o povo, uma vez que seu objetivo real, ou melhor, sua razão de ser, conforme expõe Vilela (2006), consiste no apoderamento da consciência da massa:

A Indústria Cultural desconfia da mentalidade da massa e por causa disso precisa dominar seu pensamento, precisa fortalecer e disciplinar a mentalidade pré-fabricada por ela mesma. Assim, a massa não é a referência (ou a medida) da Indústria Cultural para sua criação de produtos. Sua medida é a sua ideologia, que deve ser de, tal modo, afinada com o aparente estado de ordem social estabelecida, até a massa se conformar a ela (VILELA, 2006, p.28).

O que ocorre é a perda do *eu* individual em prol da adaptação ao *eu* coletivo, ou seja, a individualização do sujeito passa a ser desprezada, uma vez que se rompe com sua capacidade de pensamento dialético, de enxergar além do imediatamente fornecido pela sociedade do capital, que “cada vez mais separa e atomiza as pessoas, mas, ao mesmo tempo, as priva das condições para cultivarem sua personalidade” (RÜDIGER, 2004, p.189). Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 123) “quem resiste só pode sobreviver integrando-se”, caso contrário será excluído da atividade industrial, e por consequência, se tornará insuficiente econômica e socialmente.

De acordo com Adorno e Horkheimer (1985) a Indústria Cultural aniquilou o esquematismo kantiano - Esquematismo dos Conceitos Puros do Entendimento - a partir do momento que “a função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber,

referir de antemão multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.117).

Na concepção de Kant, o esquematismo é um processo inerente ao indivíduo, que possui um mecanismo interno capaz de organizar ideias e experiências de modo a criar sentidos e significados que possibilitam conhecer e/ou julgar de forma livre e autônoma determinado objeto (SILVA, 2013; RÜDIGER, 2004). Ou seja, é a subjetividade individual que norteia o processo cognitivo de cada pessoa de pensar e enxergar o mundo sem interferências ideológicas.

O aparelho cognitivo humano é determinado tanto em termos históricos quanto sociais, o que, por consequência, influi sobre o processo do esquematismo – cada determinação histórica individual provê diferentes condições de abordagens sobre um mesmo objeto. Em casos em que o esquematismo é usurpado do sujeito, a sociedade total “pensa e dita a ação” para ele, entrega ao seu aparato perceptivo uma realidade repleta de respostas prontas. “Não importa qual é o seu problema”, diz a sociedade fetichista, “nós temos a solução estereotípica para ele” (SILVA, 2013, p. 108).

Assim, o esquematismo para Adorno e Horkheimer (1985) é o primeiro serviço prestado pela indústria aos seus clientes, ao ofertá-los padrões interpretativos ou esquemas prontos sobre como o mundo deve ser enxergado, de acordo com os interesses da classe dominante. Isto se torna um problema, a partir do momento que tal esquematismo fixado em um padrão interpretativo rompe com a capacidade dialética do pensamento e retira a alma, que é própria ao bem cultural, transformando-o em um bem cristalizado.

A utilização de esquemas impostos às mercadorias culturais pela indústria facilita a vida e agiliza o processo de compreensão dos fenômenos, pois “entrega ao seu aparato perceptivo uma realidade repleta de respostas prontas” (SILVA, 2013, p.108), em que os esforços de reflexão não são mais necessários, uma vez que se aprende a pensar o mundo de uma maneira pré-determinada, ao aceitar que só existe uma única interpretação padronizada para cada coisa. Rüdiger (2004) destaca que, segundo Adorno, estes esquemas utilizados pela Indústria Cultural baseiam-se, nos seguintes “princípios promocionais”, a saber:

1. Padronização: fórmulas e estruturas formais, variáveis conforme a época, em que se baseiam os conteúdos singulares das mercadorias. Os produtos são criados para que espelhem uma norma ou padrão similar a de todos os outros do mesmo gênero;
2. Pseudo-indivuação: as mercadorias precisam ser padronizadas, mas, ao mesmo tempo, diferentes entre elas, para serem vendidas no mercado. O princípio da pseudo-indivuação refere-se às marcas que o produto cultural procura ter para poder se distinguir e competir com os demais, apesar de possuir igual trivialidade;

3. Glamourização: o esquema faz eco às práticas de promoção que constituem o próprio núcleo da Indústria Cultural e remete aos expedientes que procuram dar relevância às mercadorias;
4. Hibridização: os conteúdos estéticos dos bens culturais da Indústria Cultural não só tendem a mesclar diversos gêneros como costumam ser distribuídos de maneira mais ou menos fungível, vindo a formar uma espécie de coletânea, que os faz desfilar diante de nós como se estivéssemos em um show de variedades;
5. Esportização: as mercadorias são esquematizadas formalmente de modo que duas partes pareçam ser ou fazer parte de um evento esportivo;
6. Aproximação: o consumo das mercadorias estimula o surgimento da sensação esquemática e ilusória de que, por meio delas, se pode não apenas acessar de forma imediata, mas apoderar-se da maneira que se desejar da essência dos fenômenos sociais;
7. Personalização: os esquemas tratam os aspectos objetivos dos conteúdos como se não passassem de problemas humanos e individuais;
8. Estereotipagem: as mercadorias são construídas através de procedimentos simplificadores que articulam o significado e reduzem a complexidade contida no material sujeito à atividade artística e intelectual (RÜDIGER, 2004, p. 194-195).

Deste modo, por meio da padronização esquemática, todos os produtos culturais apresentam os mesmos sentidos, ao mesmo tempo em que são "personalizados", visando ocultar tal padronização. Isso culmina na ideia de pseudo-indivuação. Como o bem cultural encontra-se esvaziado de sentido, a glamourização faz-se necessária para focar e evidenciar mínimos detalhes, por vezes dispensáveis, a fim de divergir o olhar do sujeito a elementos fúteis. Esse processo deseduca o sujeito, desobrigando-o a refletir o que realmente tem importância "conferindo inclusive aos seus aspectos mais banais a condição de grandes espetáculos" (RÜDIGER, 2004, p.194). Uma vez submetidas ao mesmo denominador, perdem-se oportunidades do sujeito constituir uma ideia crítica do mundo, em que os fatos, sensações, símbolos e discursos têm conteúdos diferenciadores na constituição de um sentido.

A hibridização equivale à aglutinação de gêneros ou visões sobre determinado fenômeno, porém de forma superficial, impedindo que o *consumidor* se comprometa apenas com uma interpretação, devido à fungibilidade dos gêneros, criando uma espécie de coletânea. No caso do esquema de esportização as mercadorias obedecem a um protocolo interpretativo, contendo regras arbitrariamente estabelecidas como condição para a obtenção do "sucesso" em determinado processo. Já a aproximação, atua fazendo com que o sujeito se aproprie de um discurso ou produto como se fizesse parte de sua estrutura ou enredo, enxergando-o como uma representação pessoal. Acredita-se, que personalização pode ser entendida como uma *des-historização*, pois ao associar os fatos às pessoas, como um acontecimento isolado, desconsidera-se e desvincula-se todo o arcabouço ideológico, político e cultural que historicamente propiciou a ocorrência de determinado evento. Por último, a estereotipagem estrutura as mercadorias de maneira a reduzir a complexidade e facilitar a assimilação de significados (RÜDIGER, 2004).

Em síntese, os esquemas utilizados pela Indústria Cultural podem ser entendidos como uma caricaturização da realidade, gerando uma compreensão distorcida e fetichizada da cultura transfigurada em mercadoria cultural. Esta é transportada para um grau de importância maior do que apresenta nuclearmente. É como se mascarasse a aura intrínseca ao bem cultural, a fim de influenciar na percepção do indivíduo sobre as coisas. Difunde-se um modelo de vida idealizado, com personagens e condutas estereotipadas, em que a imitação acaba se tornando algo absoluto. Ela apresenta o mais do mesmo; tudo já está decifrado e padronizado de tal forma que questionar ou refletir se tornaram esforços banais. Ao se confrontarem consciência e bem cultural já se sabe, mesmo que inconscientemente, o que se esperar do mesmo (VILELA, 2006; RÜDIGER, 2004; ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

Os esquemas vêm a constituir uma espécie de estrutura articuladora do fetichismo de mercadoria, na medida em que procuram vesti-la de modo a fazê-la parecer que tem um poder guardado dentro de si e que, esse poder, é o de satisfazer integralmente todas as nossas necessidades (RÜDIGER, 2004, p.196).

O objetivo de Rüdiger (2004) ao sintetizar estas categorias não é reduzir a Indústria Cultural a oito fenômenos, aliás, isto seria papel da própria Indústria Cultural. Sua proposta foi organizar as práticas mais comuns de Indústria Cultural no que chamamos de categorias de sentido - categorias como organização de ideias, que não se restringem a elas, mas as ultrapassam e, em grupo, constroem uma constelação de ideias. Vale ressaltar, que não são categorias positivas, ou seja, que se esgotam na complexidade do tema, mas categorias que normalmente são encontradas nos bens oriundos da Indústria Cultural, ressaltando que “não se pretende afirmar que ele seja o único ou que as mercadorias culturais sejam meramente agenciamentos de esquematismos” (RÜDIGER, 2004, p.196).

### **3 METODOLOGIA**

Este artigo, de caráter descritivo e analítico, utiliza-se da proposta analítica de Francisco Rüdiger sobre os esquematismos comumente presentes nas práticas da Indústria Cultural, para analisar o Programa de Educação Patrimonial desenvolvido pelo projeto Trem da Vale (de 2006 a 2015) sob a responsabilidade da Fundação Vale - instituição do grupo da mineradora Vale S.A.

Procurou-se analisar a ocorrência dos esquematismos propostos por Rüdiger (2004) que contribuem para atribuir dimensões que sinalizem para a presença de vertentes da Indústria Cultural ao referido projeto. Para tal, a análise fílmica foi o mecanismo utilizado para a investigação - juntamente com a revisão bibliográfica sobre o tema. O filme analisado foi o “Documentário Projeto Trem da Vale”, produzido na etapa de implementação do projeto pela Emvideo, sob a direção de Éder Santos. Lançado em 2006, com duração de 10 minutos e 53 segundos, tem como objetivo central apresentar o projeto de restauração do trecho ferroviário que interliga as cidades de Mariana e Ouro Preto, no estado de Minas Gerais, assim como o projeto de Educação Patrimonial nas dependências do trem, advindo da recuperação da linha férrea (FUNDAÇÃO VALE, 2010).

O filme é uma realização da Fundação Cia. Vale do Rio Doce com parceria executiva do Santa Rosa Bureau Cultural, tendo como apoiadores e parceiros as seguintes instituições: Ferrovia Centro Atlântica - FCA, Ministério do Turismo; Lei de incentivo a cultura ligada ao Ministério da Cultura; Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP e Prefeituras das cidades de Mariana e Ouro Preto.

Para a análise fílmica, optou-se por fazer uma decupagem do documentário, isto é, as sequências foram descritas, inserindo-se o tempo de início e término de cada uma e os eventos que ocorrem durante cada período (NOVAIS, 2014). O documentário foi dividido em 12 sequências, buscando agrupar os eventos de forma lógica permitindo uma análise de interligação entre as diferentes sequências e os possíveis esquematismos correspondentes.

Classicamente, costumou-se dizer que um filme é constituído de sequências – unidades menores dentro dele, marcadas por sua função dramático e / ou pela sua posição na narrativa. Cada sequência seria constituída de cenas – cada uma das partes dotadas de unidade espaço-temporal. Partindo daí, definamos por enquanto a decupagem como o processo de decomposição do filme (e, portanto das sequências e das cenas) em planos (NOVAIS, 2014, p.51 *apud* XAVIER, 1984, p.19).

Essa decupagem, segundo Vanoye e Goliot-Lété (2012), permite destacar elementos que podem passar imperceptíveis em meio à totalidade do filme. Através deste procedimento o pesquisador adquire certo distanciamento do filme, podendo analisá-lo da melhor forma possível, de acordo com a análise desejada. Vale ressaltar que "essa desconstrução pode naturalmente ser mais ou menos aprofundada, mais ou menos seletiva segundo os desígnios da análise" (VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ, 2012, p.15).

Para Vanoye e Goliot-Lété (2012) a análise fílmica propõe que se estabeleçam elos entre os elementos que se extrai de um filme, procurando reconstruir este filme a partir da

análise que se deseja fazer. Contudo é importante atentar-se para o fato de que "o filme é, portanto, o ponto de partida e o ponto de chegada da análise" (VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ, 2012, p.15).

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS

Para o desenvolvimento desta análise, os dados foram agrupados de forma descritiva conforme o quadro 1, no qual foi realizada a decupagem do “Documentário Projeto Trem da Vale” e, em seguida, uma análise mais aprofundada da real proposta do filme a fim de considerar as mensagens e aspectos sociais, culturais e políticos nos quais se podem identificar alusões aos esquematismos propostos por Rüdiger (2004) que norteiam a prática da Indústria Cultural, que neste caso é utilizado tanto como base teórica quanto metodológica.

**Quadro 1:** Decupagem das sequências temáticas do “Documentário Projeto Trem da Vale”.

Sequência temática	Início	Final	Descrição da sequência
1	00'00"00	00'01"20	A abertura do filme é dividida em três temas centrais, que podem ser identificados por estarem destacados por meio de títulos de efeito para realizar a transição de um tema para outro, a saber: trilhar a história com a arte; trilhar a emoção do passado com o presente e trilhar os rumos do desenvolvimento. A trilha sonora é de sons instrumentais repetitivos e com sons de sinos ao fundo. O primeiro tema intitulado "Trilhar a História com a arte" é iniciado com as falas do Padre Simões, então pároco da paróquia do Pilar em Ouro Preto, falando da esperança e da certeza do retorno da Maria-Fumaça. O segundo tema "Trilhar a emoção do passado com o presente" apresenta a moradora, professora e historiadora de Mariana, a Sra. Hebe Rola, falando sobre a emoção que sente sobre o retorno do trem. Enfim, "Trilhar os rumos do desenvolvimento" traz a visão do então presidente da Vale, Roger Agnelli, sobre ter a oportunidade de poder ver renascer o trem e de levar a importância do que é uma ferrovia para o restante do país.

2	00'01"22	00'01"53	Menciona-se em um título destacando a cidade de Mariana como primeira capital de Minas Gerais e, em seguida, a cidade de Ouro Preto como patrimônio cultural da humanidade. Logo após, tem-se a fala da Sra. Olinta Cardoso, Diretora Superintendente da Fundação Vale do Rio Doce, que diz que durante a viagem de Mariana a Ouro Preto pode perceber a reação e a vibração das comunidades, o que superou todas as suas expectativas em relação à volta do trem.
3	00'01"55	00'02"03	A cena se inicia com uma música instrumental mais rápida que remete ao som de berimbau e tambores ao fundo. Em uma bela imagem do trem circulando no trecho já restaurado, destaca-se a seguinte frase junto a logo da mineradora: "Trem da Vale: Um dos maiores projetos de Educação Patrimonial do Brasil".
4	00'02"05	00'03"19	Evidencia-se a primeira visita realizada em 2003, no trecho ferroviário a ser restaurado, pela equipe responsável pelo projeto. As sequências seguintes são apresentadas de maneira curta e rápida, como se fossem cronometradas, relatando as obras realizadas no período de agosto de 2005 a maio de 2006 na estação de Mariana. Em paralelo a estas cenas do antes e depois das estações destacam-se, em forma textual, alguns números representativos para o projeto, como o investimento de 48,5 milhões de reais; 800 empregos gerados; 200 trabalhadores responsáveis pela restauração de vagões; 3.500 toneladas de brita.
5	00'03"20	00'03"36	No mesmo estilo da sequência anterior, é relatada a recuperação da Estação de Passagem de Mariana, distrito de Mariana. Sequências curtas e rápidas mostrando as pessoas que estavam trabalhando na obra e o antes e o depois da estação. Novamente, junto às cenas, aparecem textos com dados sobre o projeto, a saber: realizadas 48 obras de contenção; 490 empregados nas obras de recuperação; 31.500 dormentes utilizados.
6	00'03"37	00'03"56	Outro depoimento do Padre Simões mencionando a importância das estações para a economia local, pois segundo o mesmo "Muita gente ganhava dinheiro a custa da estação".
7	00'04"19	00'05"20	Ainda sob uma trilha sonora instrumental mais rápida e repetitiva, apresentam-se as obras realizadas de agosto de 2005 a maio de 2006 com o mesmo padrão de sequências rápidas, quase que cronometradas, imagens dos trabalhadores e cenas do antes e do depois das Estações de

			Vitorino Dias e de Ouro Preto.
8	00'05"21	00'05"27	Um homem com duas crianças pequenas, aparentemente seus filhos, todos sem identificação, diz que aquele é um momento maravilhoso em poder dar um depoimento, para engrandecer o projeto, que segundo ele é maravilhoso.
9	00'05"28	00'05"55	Cenas da inauguração do trem da Vale, em maio de 2006, com a presença de representantes políticos da época como o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva com sua esposa Marisa Silva, o então governador do Estado de Minas Gerais, Aécio Neves, os antigos prefeitos das cidades de Mariana e Ouro Preto, o Ex-presidente da Vale S.A, Roger Agnelli, e Dom Luciano Mendes de Almeida, representando a estância religiosa da região, enquanto Arcebispo da Arquidiocese de Mariana.
10	00'05"56	00'07"01	Cenas da Estação de Mariana já restaurada, com apresentação dos espaços do projeto: Praça lúdico musical; vagão oficina de história; vagão café; vagão dos sentidos; biblioteca e sala multiuso. Todos os espaços são mostrados com muitas crianças e adultos na estação usufruindo e brincando.
11	00'07"02	00'07"12	Uma senhora, não identificada, agradece a mineradora Vale por proporcionar a ela a oportunidade de realizar o passeio de trem na cidade onde o marido da mesma nasceu.
12	00'07"16	00'10"14	Apresentação do Programa de Educação Patrimonial dando ênfase ao atendimento de 11.000 adolescentes e crianças por ano. Sequências das atividades desenvolvidas com crianças na cidade de Ouro Preto, no Circo da Estação; as atividades realizadas pelo Vale Conhecer (um dos subprogramas que compõe o Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale), que consiste em um circuito integrado de ensino; as ações de educação continuada no circo; as oficinas de educação ambiental. Apresentam-se os quiosques multimídias, as salas expositivas; salas de histórias; espaço UFOP; vagão sonoro-ambiental; oficinas de educação patrimonial entre outros projetos desenvolvidos.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2017).

Após a organização e descrição das sequências temáticas, ao se analisar a ideia geral do documentário, tem-se a percepção da utilização do esquema de estereotipagem (no qual se busca reduzir a complexidade e facilitar a assimilação do bem patrimonial) na construção do mesmo, considerando que este apresenta um projeto que reduz a complexidade inerente a um programa de Educação Patrimonial, uma vez que são criados meios de facilitar a assimilação e interpretação da História ferroviária e de sua relação com o desenvolvimento local, considerando apenas as visões de um pequeno grupo de pessoas, desconsiderando a complexidade cultural das comunidades envolvidas.

Outro esquema presente no documentário foi a personalização (recharacterização do bem patrimonial, provocando uma ruptura Histórica, uma des-historização). Originalmente, o trem era um meio de transporte de passageiros de Miguel Burnier, distrito de Ouro Preto, com destino a cidade de Ponte Nova, porém o projeto se propôs a restaurar apenas 18 quilômetros do trecho ferroviário entre Ouro Preto e Mariana, cidades onde a mineradora Vale S.A. gera maior impacto tanto econômico quanto ambiental.

Nota-se também a presença recorrente do esquematismo de aproximação (busca pelo sentimento de pertencimento por parte do indivíduo em relação ao bem), em sequências consideradas romantizadas, que apelam para os sentimentos de identidade local, utilizando imagens que fazem referências à cultura e história da região. Como exemplo, temos a utilização, no decorrer de todo o documentário, de imagens de trilhos e imagens católicas entre a mudança de uma sequência para a outra, buscando assim aproximar o Projeto dos anseios e da realidade da comunidade na qual ele estava sendo implantado. Sabe-se que Mariana e Ouro Preto são cidades onde o catolicismo tem forte influência social e cultural.

Na sequência 1, as três pessoas entrevistadas são referências no campo religioso (Padre Simões), educacional (Professora e Historiadora Hebe Rola) e empresarial (Roger Agnelli, presidente da CIA. Vale na época) da região, evidenciando a participação de pessoas influentes de setores marcantes para a localidade, uma vez que as cidades de Mariana e Ouro Preto são reconhecidas pela forte tradição católica, pela sua importância histórica e pela interdependência da mineração, maior fonte de renda da população local, principalmente em Mariana. Ou seja, utiliza-se do esquematismo de aproximação para criar no espectador a sensação de reconhecimento e de representação por parte destes “líderes”.

Na sequência 2, destaque-se também o esquematismo de aproximação ao se mencionar as peculiaridades de Mariana, como primeira capital de Minas Gerais, e Ouro Preto como patrimônio cultural da humanidade, criando um sentimento de pertencimento e de satisfação por parte da comunidade em integrar um projeto relevante que, em tese, integra culturalmente

ambas as cidades. Estas mesmas características de aproximação podem ser notadas na sequência 6, uma vez que, novamente, tem-se um apelo à importância histórica do trem para a economia da região feita por Padre Simões que, até hoje, após sua morte, é considerado uma referência tanto religiosa como social, que em sua fala lembra-se dos jovens que ficavam nas estações vendendo doces, pão de queijo e pipocas.

A ideia do esquematismo de pseudo-individualização (falsa unicidade concedida ao bem para apresentá-lo como um diferencial) está intimamente ligada à de padronização (o bem carrega conceitos gerais, padrões iguais de forma e sentido, se comparado a outro do mesmo gênero): embora seja um trem turístico como tantos outros no Brasil, o documentário o apresenta como algo único, idealizado para a comunidade, atribuindo aspectos que remetem à individualidade cultural de cada morador das cidades envolvidas no projeto, como observado na sequência 11, por exemplo, na qual a senhora entrevistada tem a percepção de que o projeto foi realizado pensando nela e em suas emoções individuais, pois relata que naquele trem ela revive as lembranças deixadas pelo marido, natural da cidade de Mariana.

O mesmo esquematismo ocorre na sequência 8, quando é utilizada a imagem de uma família para engrandecer o projeto. Assim, em ambas as sequências, 8 e 11, objetiva-se mostrar a relevância do projeto, ao evidenciar o depoimento de moradores da localidade que relatam o seu contentamento com a volta do trem e os sentimentos que proporcionará um passeio que remete ao Patrimônio Cultural (e ambiental) de sua região, criando um sentimento de pertencimento na construção da História da comunidade.

Outro esquematismo recorrente é a glamourização (busca-se com este esquematismo promover o bem de tal maneira a dar-lhe destaque excessivo), no sentido em que esta é utilizada no filme para evidenciar pequenos detalhes, seja em forma textual ou em imagens, que engrandecem o projeto e desviam o foco dos espectadores da ação em si promovida, que em tese consistiria na utilização do bem cultural "trem" para a Educação Patrimonial, ou seja, se o real objetivo é a conservação da história através da Educação Patrimonial, que consiste no empoderamento do sujeito, a forma como os valores gastos no projeto são mencionados (os valores detêm grande espaço nas imagens em que são citados, se sobressaindo em relação às imagens da construção e/ou efetivação do programa) se mostra inadequada, dada a importância da proposta para a cultura não só regional, como nacional. Neste sentido, as sequências 2, 3, 4, 5, 9 e 12 apresentam aspectos do esquema referido.

Percebe-se o esquematismo de glamourização, tanto na fala da então presidente da Fundação Vale na sequência 2, que diz que a reação da comunidade superou suas expectativas, ou seja, o impacto do projeto foi maior do que o esperado, quanto no momento

em que se destaca o dia da inauguração do trem, com a presença de políticos importantes da época - como o presidente da República - representantes religiosos e conhecidos empresários, descritos na sequência 9. Ambos remetem para a importância do projeto que os organizadores querem evidenciar, mostrando apenas pessoas conhecidas e influentes socialmente, que participaram e apoiaram o desenvolvimento do projeto como sendo uma fonte não só cultural como econômica.

Já na sequência 3, utiliza-se do esquematismo de glamourização quando o projeto é mencionado como um dos maiores projetos de Educação Patrimonial do Brasil, magnificando os investimentos e demonstrando que a organização que promove o projeto não poupou esforços para tornar real a "volta" do trem para as comunidades marianense e ouropretana. Ainda sobre a glamourização, nas sequências 4, 5 e 12 explicita-se o mesmo padrão de informações, em que é dada ênfase a questões de cunho mais estrutural do projeto, através da divulgação de dados quantitativos, como os valores monetários e materiais gastos, número de empregos gerados e o número de pessoas atendidas pelo projeto; detalhes estes que enobrecem a ação e a atitude da empresa patrocinadora.

Já as sequências 4, 5, 7 e 10 contêm o mesmo padrão de apresentação que as caracterizam como esquematismo de esportização (protocolo de ações que permite ao bem apreender um caráter competitivo no mercado; o que se deve fazer para se obter sucesso), pois apresentam uma sequência de ações realizadas pela equipe técnica e de obras, que levaram a concretização da proposta do projeto, principalmente, em termos estruturais na restauração das estações. As sequências foram organizadas como se fosse apresentado o protocolo de metas e ações seguidas, que garantiu a efetivação e o sucesso do projeto, na visão de seus idealizadores, o que remete também ao esquematismo de glamourização, pois ao destacar os esforços monetários e físicos que a Vale disponibilizou, busca-se demonstrar a preocupação da empresa em fazer deste um grande projeto cultural.

Através destas análises foi possível identificar a presença de sete esquematismos interpretativos, dos oito propostos pelo professor Francisco Rüdiger (2004), são eles: estereotipagem; personalização; aproximação; pseudo-individualização; padronização; glamourização e esportização, e não foram encontrados indícios da presença do esquematismo de hibridização no referido projeto.

As análises sinalizam, assim, para a presença de vertentes da Indústria Cultural presentes no Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale. Ressalta-se que não se deve delimitar tal programa apenas por estes esquemas, uma vez que as práticas da Indústria Cultural abrem espaço para um processo dialético contínuo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os esquematismos propostos por Francisco Rüdiger (2004), utilizados para direcionar as análises preliminares deste estudo são de relevante importância, contudo, não se pode deixar de fomentar a ideia de que não se busca aqui reduzir ou positivar a análise crítica da Indústria Cultural aos esquemas propostos, e menos ainda reduzir o Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale em um simples produto da Indústria Cultural, uma vez que os esquematismos não esgotam as características do fenômeno. Sabe-se que o programa vai além disso, mas não seria ele também portador de traços desta Indústria Cultural, afastando-o de sua apresentação romantizada de fomentador puramente da cultura?

Estudos críticos como este não visam menosprezar, e tão pouco, não reconhecer a importância e o valor de um projeto como este, em uma região carente de projetos que inspirem o reconhecimento do bem patrimonial (material e imaterial) como sendo propriedade de cada indivíduo, e não apenas responsabilidade de órgãos governamentais como o IPHAN.

Ao se buscar compreender e interpretar os significados aparentes presentes, considerando de forma crítica as mensagens subliminares do documentário, percebeu-se que a análise fílmica permitiu, além da associação imediata aos esquematismos, realizar outros apontamentos que despertam e/ou fazem alusão, e que também se faz necessário citar: às indicações políticas, econômicas, ambientais e religiosas disseminadas nesta apresentação institucional do Programa Trem da Vale. É como se estes aspectos não tão evidentes no filme estabelecessem uma espécie de trilha temática de sentidos e significados que os idealizadores do programa buscavam para criar um elo sentimental com os espectadores, focando, obviamente, em seu público-alvo: cidadãos das cidades de Mariana, Ouro Preto e distritos.

O trem não é apenas um *Programa de Educação Patrimonial*, ele é um meio para a Vale se promover, para sinalizar a contribuição da mesma para a região que é diretamente afetada pelas suas atividades mineradoras ao longo dos anos, tanto na questão econômica como na ambiental. O desastre ocorrido na região no último dia 05 de novembro de 2015 com o rompimento da barragem de Fundão é um exemplo que corrobora o fato de a empresa afetar direta e intensamente a região.

No documentário, nota-se que a promoção do programa e de suas vantagens é mais presente do que aspectos históricos sobre o trem ou sobre os objetivos de um projeto voltado para a Educação Patrimonial, que consiste em desenvolver ações educativas que visem à preservação do patrimônio, da cultura e das tradições, sejam elas materiais ou imateriais, de determinada comunidade, a fim de preservar a identidade local e, principalmente, formar

sujeitos críticos, autônomos e reflexivos que sejam capazes de reconhecer e compreender suas origens e a organização social e cultural na qual estão inseridos.

O Trem da Vale é uma caricatura; é o que a empresa quer falar sobre ele. O trem é um apêndice do programa, uma vez que no documentário praticamente não é mencionada a real história da malha ferroviária da qual este trecho faz parte; que a viagem do trem em si tem cunho turístico e não de passageiros.

Vale destacar, que este artigo não tem como fator primordial a condição de um bem ser patrocinado financeiramente ou não, pois isto não é um fator determinante para caracterizá-lo como um produto da Indústria Cultural. Esta não se trata apenas de uma questão de financiamento privado no ramo cultural, mas sim da forma como o bem cultural é gerido por meio da imposição de esquemas interpretativos da realidade.

Como exposto ao longo deste texto, os bens culturais são de extrema importância para o desenvolvimento de uma Educação Patrimonial de qualidade, apresentando-se como verdadeiros instrumentos para a conscientização patrimonial. Estando este bem desfigurado, isto é, sendo apresentado como uma caricatura da realidade para se adequar à realidade criada, para satisfazer as necessidades e anseios que a empresa determina, o conhecimento cultural gerado pelo projeto tende a ser limitado e afastado do verdadeiro legado deixado por uma História que vai além da restauração de um trecho de linha férrea.

As crianças, os adolescentes e a população em geral que não chegaram a viver a época do transporte realizado pela Maria Fumaça, dificilmente conseguirão resgatar laços afetivos com a História cultural das cidades envolvidas no programa da forma como o mesmo foi organizado. A recorrente presença dos esquematismos propostos por Rüdiger (2004) aponta para a iminente presença de traços da Indústria Cultural no programa e, sinaliza também, para um comprometimento de sua dialética enquanto mecanismo educativo que busca uma “consolidação da identidade histórica e cultural daquela região e para a valorização das representatividades e das relações de afeto com o seu rico e singular patrimônio, tanto em seu aspecto edificado quanto em suas facetas imaterial e natural” (FUNDAÇÃO VALE, 2010).

A identidade cultural, que deveria ser crítica, desenvolvida para um reconhecimento, valorização, preservação e difusão do bem e da memória cultural fica comprometida e o propósito da Educação Patrimonial acaba por contribuir para o fortalecimento do legado da Indústria Cultural.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **A Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CÉSAR, P. A. B.; DHEIN, C. E.; UEZ, P. C. Paisagem: a dimensão espacial na educação patrimonial. **Book of proceedings**, v. 1 – international conference on tourism & management studies – algarve, 2011.

COSTA, M. L. P., **Capacitação de Educadores em Educação Ambiental e Educação Patrimonial Focada em Recursos Hídricos: A Fazenda-Escola Fundamar (Paraguaçu/MG, baixo curso do rio Sapucaí)**. 2011. 234 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável). Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte. 2011.

**Documentário Projeto Trem da Vale**. Direção Éder Santos. Coordenação de Produção: Marcelo Braga. Roteiro: Éder Santos, Carol Nogueira e Marcus Nascimento. [S.l.]: Emvideo, 2006. 1 DVD (10'53 min.), son, color.

FLORÊNCIO, S. R.; CLEROT, P.; BEZERRA, J.; RAMASSOTE, R. **Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos**. Brasília, DF: IPHAN, 2014. 65p. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat\\_EducacaoPatrimonial\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducacaoPatrimonial_m.pdf)> Acesso em 20/04/2016.

FUNDAÇÃO VALE. **Outras memórias, outros patrimônios: relato técnico do Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale**. Belo Horizonte: Fundação Vale. Rona, 2010.

GRUNBERG, Evelina. Educação Patrimonial: utilização dos bens culturais como recursos educacionais. **Cadernos do CEOM**. Unoesc, Chapecó, ano 14, n.12, p.159-180, jun. 2000.

IBARRA, M.; BONOMO, U.; RAMÍREZ, C. El patrimonio como objeto de estudio interdisciplinario. Reflexiones desde la educación formal chilena. **Polis, Revista Latinoamericana**, v.13, n.39, p.373-391, 2014.

MALTÊZ, C. R.; SOBRINHO, C. P. A.; BITTENCOURT, D. L. A.; MIRANDA, K. R.; MARTINS, L. N. Educação e Patrimônio: O papel da Escola na preservação e valorização do Patrimônio Cultural. **Pedagogia em ação**, v.2, n.2, p.39-49, nov. 2010.

NOVAIS, M. M. F. **A Fantástica Fábrica de Chocolate: Uma Abordagem Narrativa Sobre o Cinema Digital**. 2014, 178f. Dissertação (Mestrado em Artes). Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2014.

RODRIGUEZ, M. S. Relectura de la noción de industria cultural de Theodor Adorno. **Revista Anagramas**, Volumen 12, Nº 23 p. 175-198. 2013.

RÜDIGER, F. **Theodor Adorno e a Crítica à Indústria Cultural: comunicação e teoria crítica da sociedade**. 3ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SILVA, F. R. **A usurpação do Esquematismo Kantiano e o fetichismo das mercadorias culturais: Sobre a crise de significado, a repetitividade e a degeneração dos sentidos na cultura de massa**. In: SEMINÁRIO DOS ESTUDANTES DA PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFSCAR, 9, 2013. **Anais eletrônicos...** São Carlos: UFSCAR. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~semppgfil/wp-content/uploads/2012/05/12-Felipe-Resende-da-Silva-A-USURPA%C3%87%C3%83O-DO-ESQUEMATISMO-KANTIANO-E-O-FETICHISMO-DAS-MERCADORIAS-CULTURAIIS.pdf>>. Acesso em: 15/03/2016.

TREM DA VALE. **Educação Patrimonial**. Site Institucional: 2016. Disponível em: <<http://tremdavale.santarosacultural.com.br/educacao-patrimonial>>. Acesso em: 18/04/2016.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. (tradução de Marina Appenzeller). 7ªed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Série Ofício de Arte e Forma).

VILELA, R. A. **A Teoria Crítica da Educação de Theodor Adorno e sua apropriação para análise das questões atuais sobre currículo e práticas escolares**. Belo Horizonte: CNPQ (Relatório de Pesquisa), 2006.